

AS PESSOAS ficariam perplexas se lessem uma das cartas que meu irmão me escreve. No final há sempre uma mensagem codificada: “PS: E-e.” Embora meu irmão escreva cartas maravilhosas, essa é minha parte favorita.

Desde minha mais tenra infância, “E-e” sempre foi um código familiar. Em uma tradução aproximada, da linguagem afetiva para a linguagem comum, significa: “Eu te amo demais para expressar-me com palavras.” Não tenho certeza de como nem quando isso começou, mas acho que as origens estão no gemido produzido por uma criança sendo sufocada por um abraço.

“E-e” era algo mais fácil de dizer do que “Eu te amo”. Aquelas letras, aparentemente sem sentido, permitiam ao ouvinte identificar outros sinais de amor: o contato visual, um sorriso expressivo, um certo tom de voz.

Naturalmente, aquele era um sinal secreto entre os membros da família e isso o tornava ainda mais especial.

Quando, aos nove anos, consegui finalmente dominar a arte de andar de bicicleta, fui premiada com um magnífico “E-e” de papai. Muitos anos mais tarde, quando um namorado me deu um *bolo*, mamãe me confortou com as mesmas duas sílabas, ditas suavemente.

Normalmente, aquela frase era dita em qualquer ocasião, sem razão ou motivo aparente. Não havia uma forma especial de consegui-la. Parecia fluir inesperadamente do coração de quem a pronunciava. Um verdadeiro presente. Embora nenhuma resposta fosse esperada, era sempre um “E-e”

**Cada família
tem sua própria...**

Linguagem secreta do amor

TERRY MILLER SHANNON

em um tom agradável, que significava: “Muito obrigado! Sinto o mesmo por você.”

Quando nos tornamos adolescentes, paramos de dizer “E-e” uns para os outros. Aquilo definitivamente não era *legal*. Então, no que pareceu apenas quinze minutos, já estávamos crescendo. Éramos adultos.

Uma vez, em uma reunião, meu irmão abraçou-me. “Como vai você?”, perguntou. Como eu estava? Estava angustiada, triste. Desapontada comigo mesma e com a vida. Sentindo-me desesperada. Deveria eu dizer isso a ele? Por que estragar o clima?

Fitei-o, e ele também olhou para mim. Fez então algo extraordinário.

“E-e”, disse ele. Sua voz soou ternamente.

Meu coração se elevou. Eu o senti flutuar como um balão de festa. Senti-me reintegrada, bem lá no fundo, onde é importante, com a família, com o amor.

Qualquer coisa errada poderia dar

certo. A vida continuava e ia melhorar. Conscientizei-me subitamente naquele momento. E isso realmente aconteceu. Muitos anos mais tarde, encontrei alguém que parecia ser o homem dos meus sonhos e convidei-o a conhecer minha família. Na hora da despedida, mamãe deu-me um forte abraço.

– E-e! – disse-me suavemente.

– E-e! – respondi no mesmo tom.

No carro, ele olhou-me franzindo a sobrancelha.

– O que você e sua mãe estavam dizendo uma para outra? Que língua era aquela?

– Uma língua secreta – respondi. Em seguida, expliquei.

Ninguém poderia ter captado o sentido tão rapidamente. Nos momentos mais oportunos ele dizia carinhosamente: “Eeeee-ee-ee-eeee!”. Um dia, enviou-me uma carta contendo apenas “E’s” maiúsculos e minúsculos.

Exímia decodificadora que sou, entendi a mensagem e casei-me com ele.

Quem poderia resistir?

© 1996 POR TERRY MILLER SHANNON. THE CHRISTIAN SCIENCE MONITOR (8 DE ABRIL DE 1996), 1, NORWAY STREET, BOSTON, MASSACHUSETTS. 02115



Para enxergar melhor

– ANDO sempre com três pares de óculos – disse uma amiga para a outra. – Uso um para ver de perto, outro para ver ao longe.

– E o terceiro? – perguntou a companheira.

– Uso para procurar os outros dois.

Tamás Szlobodnyik, Hungria

HÁ DOIS MESES eu estava decidida a me divorciar – confidenciava Bárbara a uma amiga –, mas depois a televisão quebrou e nós ficamos cinco dias sem ela. Foi durante esse tempo que percebi como meu marido é uma companhia inteligente e deliciosa.

Lea Berner, Suíça